



EROSOFIA: FILHA DE DIVINA CÓPULA*

Monica Udler Cromberg**

Resumo – O presente artigo é composto de dois textos. O primeiro introduz o segundo, e este exemplifica aquele. O primeiro texto pretende introduzir uma forma livre, poética e lúdica de filosofar, que é, na verdade, uma mistura de filosofia com literatura, que denomino erosofia. Devido ao seu caráter híbrido, a imagem aqui usada é a da genealogia da erosofia à maneira da genealogia dos deuses gregos. Sendo assim, a erosofia seria a filha da literatura, sua mãe, e da filosofia, seu pai. A partir dessa metáfora, o primeiro texto vai descrevendo as características que essa nova disciplina, a filha erosofia, herdou de cada um dos pais, assim como as que repudiou e contra as quais se rebelou. A erosofia é o amor erótico (eros) pelo conhecimento (*sophia*) e não o amor amical (*philia*) por ele. Ela busca a experiência de *sophia* desde a "carne da alma" e não uma apropriação conceitual de algum objeto intencional. Ela não se detém a buscar discernir entre o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, nem buscar o belo em detrimento do feio. Mas erosofia não quer ser louca, quer apenas ser livre. Seu único compromisso é com a autenticidade. A erosofia não precisa de nexos e prefere falar por imagens eróticas que pela pornografia e necrofilia inerentes ao pensamento analítico puramente racional proveniente de seu pai. Evita tanto a literalidade do pai quanto o estado de exceção da mãe. Pretende levar à apropriação do Sublime que a mãe só aponta e insinua. Quer poder levar até o Belo que sua mãe apenas revela e mostra de longe. Após esta apresentação erosófica da erosofia, isto é, um texto que fala do método erosófico valendo-se de uma linguagem erosófica, passamos para um texto erosófico propriamente dito: uma doxa que analisa um "fragmento" recente "de Heráclito" (escrito e publicado por uma equipe de anarqueólogos no espírito de Heráclito) que diz: "Porque rarefeita, toda realidade é fraca [...]". O texto procura compreender e analisar o fragmento a partir do conceito de "imaginal", introduzido no Ocidente por Henry Corbin, que o descobriu na filosofia mística do sufismo do século XII. É uma doxa que usa linguagem e abordagem erosófica e que trata da hermenêutica espiritual e da apreensão mística da realidade. Esta realiza um parto ao contrário: o mundo nasce dentro de cada um à medida que ele o significa. A realidade do campo imaginal é mais intensa, mais forte. O objeto intencional que é interiorizado através da percepção imaginal é, para os místicos, muito mais real que os objetos que participam do espaço público, da intersubjetividade e que são caracterizados como "objetivos". Dentro do campo imaginal, ele pode

* Texto da preleção feita no VI Colóquio Filosofia e Ficção (Fifi) realizado na Universidade de Brasília (UnB), em maio de 2013.

** Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e mestra em Cultura Judaica pela mesma instituição. Filósofa especialista em fenomenologia e mística semítica, além de poeta. Estuda filosofia da religião, mística das tradições abraâmicas, literatura e fenomenologia. E-mail: udler@terra.com.br

encontrar um parto depois do outro e nascer várias vezes em distintos níveis de realidade, cada vez mais fortes, segundo a intensidade ontológica crescente que encontra pela frente, ou, digamos, ser adentro.

Palavras-chave: Erosófia. Sufismo. Imaginal. Mística. Filosofia e ficção.

Se filosofia é o amor-amizade (*philia*) pela sabedoria, a erosófia é o amor erótico por ela, isto é, a disciplina responsável pela relação erótica com o conhecimento. Todas essas quatro doxas foram escritas a partir da erosófia, que as funda e é por elas fundada, e que equivale ao conceito de filosofia hetérica, também por elas fundada. Essas quatro doxas "estreadam" então um novo gênero filosófico, por assim dizer, a erosófia hetérica. Hetérica vem de *hetera* ou *hetaira*, do grego *ἑταίρα*. Era o nome que recebiam as cortesãs, isto é, uma forma de companhia sofisticada misturada com prostituição. Na sociedade da antiga Grécia, as heteras eram mulheres independentes e, em alguns casos, de grande influência, as quais eram obrigadas a utilizar vestidos distintivos e a pagar impostos. Era um grupo social formado principalmente de antigas escravas e de estrangeiras, que tinham um grande renome nas suas habilidades na dança e na música, bem como por seus talentos intelectuais e "físicos". Existem evidências de que, em vez da maioria do resto das mulheres gregas da época, as heteras recebiam educação. Também é importante assinalar que as heteras não só eram as únicas mulheres que podiam tomar parte nos simpósios, senão que suas opiniões e crenças eram ademais muito respeitadas pelos homens. Encontraram-se algumas similitudes entre as heteras gregas e as *geishas* japonesas ou as *kisaeng* coreanas, figuras todas elas complexas e possivelmente intermédias entre prostitutas e damas de companhia.

Constrange-me bastante a ideia de expor aqui o que seja a erosófia, a partir de uma linguagem que não seja erosófica. Recuso-me, portanto, a seguir por mais um parágrafo nessa linguagem, mais que prosaica, wikipediana, para definir o que seja a erosófia. Fazê-lo seria como redigir uma receita de bolo por meio das fórmulas químicas que representam os elementos que constituem seus ingredientes: duas xícaras de H₂O, duas colheres de chá de sódio etc. Ou falar da beleza do corpo de uma mulher recitando suas medidas: 1,90 de quadril, 1,88 de busto e 1,60 de cintura. Não. Não posso submeter a erosófia à exposição às enfermidades que ela mesma pretende sanar. A erosófia não quer compreender, nem muito menos expor: ela não quer *philia*, ou seja, não quer fazer amizade com a sabedoria, perguntar seu nome, onde mora, quantos anos tem, qual seu signo etc. Ela quer dormir com a sabedoria, quer fazer amor. Não *sentir* amor: *fazer* amor. A erosófia quer a práxis – desde que seja uma práxis erosófica, um fazer, um experimentar, não com a razão, mas com a CARNE DA ALMA. "Carne da alma" é uma expressão bastante conhecida entre todos os erósofos do porvir. Walter Benjamin dizia que, "como o *déjà-vu* é uma lembrança do que está no presente e não no passado, o historiador é um vidente do passado, alguém capaz de prever o passado". Pois sim: toda a história da erosófia está traçada, e sem traço algum. E determino aqui que a expressão "carne da alma"

sempre foi usada pelos erósofos do futuro. E que ela sempre será usada, a partir daqui, pelos erósofos do passado. Eis o reconhecimento do que seja erosofia. Sim, algo jamais fundado por texto algum. Algo que nasceu com o próprio *eros* e com a própria *sophia*, pois que a beleza já nasce sendo amada e o amante já nasceu amando o que nasceu com ele.

A erosofia e a carne da alma. Dizia eu que a erosofia não se quer nem filosofia nem literatura. Ela não quer apropriar-se do conhecimento como a filosofia *stricto sensu* – que, ao fazê-lo, deixa escapar a essência e a própria alma do que possui, e, com a sina de Midas, mata ao tocar. Tampouco quer transformar seu amado em si mesmo como na literatura – que instaura seu objeto de desejo com sua própria arte. A erosofia está entre a violência da razão e a promiscuidade da arte. Essa formulação erosófica, por exemplo, é absurda. A arte promíscua?! Como ousas censurar a arte, criatura udleriana pretenciosa e desprezível? Espere, digo eu. Nenhuma declaração erosófica pode ser absurda!, digo eu. Apenas a filosofia pode proferir proposições absurdas ou razoáveis, verossímeis ou despropositadas. A erosofia nunca pode ser despropositada: ela não busca o propósito, o nexo: ela busca o beijo, o gozo, a troca de líquidos. Isso ela herdou da mãe. Outro "por exemplo": ao proferir "isso ela herdou da mãe", acabo de descobrir que a erosofia é filha da mãe, isto é, filha da literatura. E seu pai, a filosofia. Criatura sim híbrida, filha do vampiro e da lascívia. Nenhum raciocínio me levou a esse fato, que não é qualquer conclusão. Proferir revelou. A erosofia se revela a si mesmo. Não tem método algum, além de suas apalpadelas e seus toques noéticos ousados, de suas mãos nuas deslizantes, que tateiam tatuagens e estátuas: estatuagens.

A erosofia é livre: pega ou joga fora tudo o que quer, de sua mãe e de seu pai. A erosofia não conhece limite. Não deve ser nem verdadeira nem bela. Só não pode deter-se. Deve saborear, cada passo que dá deve saborear. A erosofia é uma criança. Só sabe ser criança. Nada mais sabe. E nada mais quer. Sua falta de compromisso lhe é constitutiva. Seu único compromisso é escapar da loucura: tanto a da falta total de nexo como a da necessidade incondicional de nexo. Eis as duas loucuras letais das quais deve sempre escapar. E loucura não é liberdade. Loucura é sempre clausura. Seus pais podem ser loucos, têm essa permissão, e está entre suas possibilidades. Ela não pode se dar a esse luxo. (Ela nem precisa da loucura. A loucura ocorre aos reprimidos, oprimidos e solapados. E isso ela não é: é forte e livre como uma folha.) A pequena erosofia, filha da filosofia e da literatura, nunca pode ceder a qualquer exigência: nem a de ter nexo nem a de não ter nexo. Erosofia não é escrava nem da razão nem do niilismo, do surrealismo, do relativismo, do vazio. Ela tem compromisso apenas com o jogo, com o deleite, com a brincadeira séria de erosofar, com o amor erótico ou errante, com a experiência do roçar as realidades que lhe vêm ao encontro ao proferir-se.

A erosofia pode parecer filosofia, ou parecer pretender-se filosófica. Mas não é, nunca é. Enquanto filosofia, a erosofia é uma fraude, é uma má filosofia sempre. A erosofia pode parecer literatura, ou parecer pretender-se literária. Mas não é, nunca é. Enquanto literatura, a erosofia é uma fraude, é uma má literatura sempre. A erosofia é apenas erosófica. E sempre o é.

E enquanto erosófia, a erosófia é magnífica. É autêntica. E é boa. E é verdadeira. E é bela. Nada pode ser ruim aí.

Quantos séculos de ditadura da Razão! Quantos séculos precisando da literatura para esbarrar na verdade sem sufocá-la! Por que sobrecarregar a mamãe? E poucos lhe botam fé. Por sobrecarregar tanto o papai com a responsabilidade toda de ser credível, veraz ou crítico? E por que limitar tanto a Razão? Por que não deixar que a filha se encarregue de ampliar sua excelência?

A erosófia não precisa sacrificar a beleza em nome do conhecimento – da concatenação e da clareza explícita – como o pai. A erosófia é obscura, sinuosa e insinuante: em si nua, mas ama brincar com seus panos, lenços e véus! Nem precisa, a erosófia, sacrificar a explicitude em nome da beleza. A erosófia tem seios caídos, flácidos – mas não usa sutiã: nunca se preocupa em mostrar o que não é, em ser o que não tem. Não põe em armações o que é vivo. E mais: não emoldura o que já é exuberante por si. Nem encrusta pedras brutas que descobre nas minas. A erosófia fotografa as minas com seus dedos, mas nunca tira uma pedra do lugar!

Os parágrafos erosóficos não se coadunam. Nem sempre. Não se encadenam como fórmulas matemáticas. Textos erosóficos são partituras. São também sempre sonoros, sempre plásticos. Deveriam ser escritos em pentagramas e iniciar-se por claves. Claves de Sol e de Lua. Às vezes por várias claves ao mesmo tempo, já que seu espectro se perpetua por inúmeras oitavas. Muito teria a filosofia que aprender com a música. Sua filha aprendeu. E sua filha modula. Sua filha sabe explodir num *fortissimo* sem esgotar-se e logo voltar ao *adagio*, não menos intenso.

Mudamos de parágrafo. Saltamos a outro pentagrama. Pausa. *Andante moderato*. Os dedos erosóficos podem ser imaginados ao deslizarem pelas cordas ou ao pressionarem as teclas. Arte digital, a erosófia descreve desnudando. Nunca tratará ela de algo sem salivar, sem latejar, sem enrijecer seus músculos digitais e genitais. A erosófia é a partitura do que se escuta na vida, na vida selvagem, crua e lisérgica das crianças e dos amantes iletrados.

E também pode voltar ao assunto, a erosófia, como quem volta ao estribilho, ao refrão. Falávamos de seus pais. Um pai opressor – a filosofia, lembram? – que a fazia sentir-se louca, e uma mãe exuberante – a literatura – que a fazia sentir-se demasiado racional. Filhinha erosófia nunca chegou a sentir-se uma filósofa fracassada ou uma escritora diletante. Sua questão nunca foi a própria insuficiência: sua questão era encontrar sua autêntica vocação. Era saber por que e como, nela, volúpia e razão copulavam e debatiam ao mesmo tempo, dias e noites a fio.

Um dia me confessou: "Papai e mamãe tinham uma relação aberta. Papai filosofia costumava, na maioria das vezes, ser extremamente pornográfico. Por isso, eu não quis ser como ele. Embrulhava-me o estômago seu procedimento explícito e sua abordagem demasiado direta e truculenta. Mamãe literatura, ao contrário, só era entendida por quem tivesse um olfato que percebesse seu cio. Apenas o cheiro de seu cio constante era suficiente para atrair

os que a amariam. Nada fazia ela. Seu convite era sutil, mesmo quando devasso. Sua devassidão de deusa nunca era explícita ou mendigante. No entanto, algo nela me oprimia também: ela não acompanhava meu discurso interno. Não parava para me ouvir com seriedade. E sempre me achava demasiado prosaica, prolixa. Mamãe era linda demais. Meu espírito tocava sua sublimidade. Mas não minhas mãos, nem minha mente. Mamãe instaurava nos que a ouviam um estado de exceção, que tirava-nos do chão e da cotidianidade. Mamãe abria portas. Mas quem conseguia percorrer os corredores que levavam a essas portas?! Quem conseguia beijar a boca das musas que falavam através dela e sem que fosse à força como o papai?! Não quis ser como mamãe. Não cumpria nunca com o que prometia. Cansava-me seus constantes *stripteases* por detrás do vidro! Cansava-me ver os membros eretos dos espectadores chucros que ela jamais satisfazia. Pedi a ela dúzias de vezes para que se fizesse carne. Para que fosse mais palatável e se oferecesse mais ao prosaico da vida, ao prolixo e ao grotesco. Fico feliz que nunca me tenha escutado. E fico feliz que papai se tenha mantido fiel à sua própria pornografia, à sua explicitude. Um pai rígido e uma mãe diáfana permitiram que eu me rebelasse e entendesse por que volúpia e razão copulam em mim dia e noite, sem parar de despirem-se: e a cada peça que tiram, novas roupas de baixo aparecem. O desejo que brota desse intercurso levou-me a erosofar. É uma pena que tive minha escrita proscrita. Papai e mamãe olham-me com gastura: como um rebento deformado. Mas eu os olho com orgulho: pelo que foram e puderam ser e pelo que eu mesma pude me transformar com o tempo: uma bastarda, que tarda, mas que se basta!"

UMA DOXA HETERODOXA DE UM FRAGMENTO PÓSTUMO DE HERÁCLITO¹

Um texto erosófico propriamente dito, que analisa um fragmento recente "de Heráclito". Trata-se de um fragmento pré- e pós-socrático ao mesmo tempo, pois foi escrito recentemente à maneira de fragmento pré-socrático, ao estilo de Heráclito. Foi escrito e publicado por uma equipe de anarqueólogos, parentes dos erósofos, que criam "descobertas" arqueológicas. Como os erósofos, os anarqueólogos tampouco possuem vínculo com o nexos, com a concatenação ou com a cronologia, mas abundam em conteúdo e em densidade.

153. [...] Porque rarefeita, toda realidade é fraca.[...]

A realidade é o lugar onde o ser se rarefaz.

Aqui, o ouro se mistura com o chumbo e a seiva do espírito dilui-se na insipidez da matéria.

1 - Essa doxa erosófica foi publicada juntamente com mais três na obra *Heráclito: exercícios de anarqueologia* de Antunes, Bensusan e Ferreira (Ideias & Letras, 2012).

Ao armazenar o real, no entanto, a percepção o significa, o pessoaliza, o integra, como se revestisse de muco a objetividade asséptica. Como se banhasse em líquido amniótico a realidade seca que a percepção recebe, realizando um parto ao contrário. A percepção pare o objeto intencional para dentro, de forma que ele nasça em mim.

Sim. Enquanto o objeto não nascer em mim, ele não existe; depois que o percebo, podemos falar em realismo. Antes não. O que está lá fora, a objetividade, são objetos que ainda não nasceram: eles sim é que são ideias platônicas, abstratas e arquetípicas. Os objetos não percebidos, preexistentes e transcendentés são mitos. Reza o conto zen que uma árvore que caia no meio de uma floresta deserta não faz barulho. Só o que nasce em mim, para mim, é real, possui realidade forte. Eu, essa fábrica de transcendência.

Lógico que a árvore existe fora de mim, independente de mim: depois que eu a vi. Só a percepção pode criar transcendência. Eis o idealismo imaginal. Ou seria um realismo imaginal? Dá igual. Já dizia Kandinsky que tudo podia ser visto como matizes do espírito – Tudo é espírito! – ou como matizes da matéria – Tudo é matéria! –, de forma que a matéria seria o espírito em seu estado mais condensado possível, mais opaco, e o espírito seria a matéria em seu estado mais sutil possível.

"Não viva no mundo. Faça com que o mundo viva em você." – disse Rumi. Por isso digo que é necessário parir ao contrário. Uma vez parido para a interioridade, o objeto intencional fica forte, muito forte. E a realidade que aí vive é também uma realidade forte, toda ela: a realidade da interioridade, do campo imaginal. O objeto apropriado pela gosma de meu ser é o único que pode ser chamado de real. E dentro do meu ser ele pode encontrar um parto depois de outro e nascer várias vezes, em distintos níveis de realidade, cada vez mais fortes segundo a intensidade crescente de ser que encontra pela frente (pela frente = ser adentro). O mundo vai ficando real em mim à medida que me realizo. O mundo foi feito para ser criado por mim: eu, o pequeno demiurgo, o Adão que dá nome aos bois e às vacas.

(Os que ainda não estão familiarizados com o termo "imaginal" podem encontrá-lo em sua fonte, que é a obra do místico sufi do século XII, Muhiddin Ibn Arabi, ou na obra de uma série de estudiosos de sua obra, entre eles, Henry Corbin, discípulo de Husserl e Heidegger, fundador da cadeira de filosofia iraniana em Teerã. A psicologia arquetípica, desde Jung até Hillman, apoderou-se do conceito de imaginal para abrir portas antes emperradas na área do conhecimento psicológico. *Mundus Imaginalis*. Harold Bloom e Gershom Scholem também o incluíram em sua caixa de chaves, dentre as mais poderosas.)

O imaginal é só a matéria de que são feitos os sonhos? Não. É a matéria de que é feito todo o real. E toda a realidade, "forte ou fraca, alegre ou triste". Mas neste âmbito existe uma gradação. Existem gradações de ser. Heráclito quebra com toda uma visão de mundo da modernidade ao proferir "por ser rarefeita, toda realidade é fraca". Constatar que um nível de realidade é mais forte que outro, mais denso que outro, é uma visão absolutamente revolucionária, principalmente ao termos em mente que, na mente materialista científica atual, é o

exterior e objetivo que é mais real que o imaginário, o subjetivo, o interior. Heráclito subverte esta visão, ao considerar a realidade o coeficiente fraco. É rarefeito de ser, de intensidade ontológica. Se nada é, se nada aí fora acaba de ser, como poderá abarcar o ser, como não será um preconceito? "Tudo é preconceito. Até as coisas são preconceitos." – disse Heráclito em outro fragmento. E nessa medida a realidade é fraca, pois é feita de preconceitos, de coisas que ainda não foram apropriadas por um sujeito individuado, que ainda não foram melecadas pela apreensão do ser de um testemunho vivo. Só pela umidade vaginal do perceptor é que a realidade é capaz de penetrar, e só esses líquidos, as secreções de minha vontade intencional, são capazes de efetuar a ereção do objeto, a fortificação da realidade.

"Poesia" em alemão é *Gedicht*. E "*dicht*" significa denso. O que mais precisa ser dito? A realidade é prosaica. A realidade *para mim* é poesia. Só essa pode ser forte, só a realidade que já passou pela minha saliva, e não a realidade nua e crua. Enquanto crua, não poderá ser digerida. Meu olhar a cozinhará, meu fogo irá amolecê-la, meu toque a umedecerá e a fará querer mostrar-me mais... e mais... e mais...

A realidade só se mostra pra quem quer. O que quererá mostrar a realidade, essa atriz de *peep show*, para um observador científico, neutro, brocha e necrófilo? Nem que ela mostre tudo, ânus, rins e duodeno: ela irá pra casa depois do horário de trabalho. E o *voyeur* jamais a conhecerá.

Heráclito não quis casar-se com a funcionária do *peep-show*, dizendo que a Verdade e a Beleza, como as putas, não foram feitas para casar. Sabemos que o casamento já havia se efetuado no nível imaginal. Da mesma forma como nenhum Heráclito precisa do seio após ver o sutien, não precisa também do matrimônio, nem da cópula, para unir-se. O coito, assim como o conceito, seria a realidade mais fraca de todas no universo da erótica epistemológica imaginal. Quem disse que você conhece a mocinha só porque algum dia já a comeu?! Os conceitos só servem para que esbanjemos em sociedade nosso pseudoconhecimento das coisas. Coisa de macho.

Este fragmento é o elo que une tantos outros fragmentos. Ele aglutina as ideias de coisas-preconceito, e de filósofos sem-conceito. As ideias de coisas que se exibem e que se ocultam segundo o olhar, e a intenção, que o observador nelas deita e a necessidade de um ângulo, de uma tomada de posição, por parte do perceptor. A ideia de olhares flertantes que são menos rarefeitos do que beijos, pois a diferença entre "tocar e pegar, lambar e chupar, saber e decorar" está no grau de realidade, no grau de intensidade de ser. E quanto mais subcutâneo, menos fistúlico. Quanto mais insinuante e insipiente, menos extenuante e insistente. A "tectônica dos acontecimentos", noção emergente de outro filósofo pré-socrático pós-moderno, Hilanidas Bensusanis, está na *retenção*. É aí onde a realidade é forte: onde o beijo já aconteceu antes de ser beijado, onde a ideia do amado é pura presença, onde, aliás, TUDO é presença; onde a carta de amor não precisa ser aberta. Tudo o que é imaginal, é feito de presença. E presenças não precisam ser reais lá fora. Presenças prescindem. *Prescindir* é o ato

fundante da ontologia tântrica, fundada por sua vez pelo citado filósofo, "contemporâneo tardio" de Heráclito, que instaura também o anticonceito de "tectônica subcutânea dos acontecimentos". Essa tectônica, segundo Heráclito, seria bem mais forte e densa que os próprios acontecimentos e deles prescindiria.

"Só a promessa pode cumprir". Todo cumprimento trai a promessa. A promessa é "forte", tem sentido forte. Assim como o desejo. O desejo traz consigo seu objeto. Algumas mulheres percebem (e recebem) o filho gerado em cada menstruação.

O buscado está presente a cada passo da busca. O objeto do desejo está oculto, enquanto presença, no cerne de cada desejo. O desejo in-jacula. Presença é aquilo a que se converte um objeto intencional depois do parto ao revés, depois que o percebido nasce em mim. Presença é o objeto engendrado. É por isso que esses místicos falam de percepção enquanto "concepção". Crio o que percebo assim como percebo o que crio, e sujeito e objeto nascem assim simultaneamente, do mesmo ato imaginal. A espontaneidade imaginal é levada ao paroxismo quando nossos místicos proferem a frase: "Se você não criar o Deus que te criou, o Deus que te criou nunca te terá criado". Afirmam que o que define todo ato imaginal é que ele cria e percebe ao mesmo tempo, e por isso falam de uma intencionalidade criadora de transcendência.

Se penso no homem dos meus sonhos, criei um objeto, que tem seu nível de realidade, sua intensidade de ser. Ou será que ao pensar no homem dos meus sonhos, percebi algo que estava dentro de mim enquanto estrutura de desejo antes de qualquer pensamento? Assim é o reino imaginal: criar é trazer à realidade algo que estava, não no reino dos possíveis, mas no reino da necessidade imaginal, num reino onde é a alma que determina e não a psicodinâmica do sujeito consciente. Nesse reino, como afirma James Hillman, protagonista das conferências de Eranos, aluno de Corbin e Jung e fundador da psicologia imaginal, é o sujeito que está na alma e não a alma que está no sujeito, da mesma forma como o sonhador está e é parte do sonho e não vice-versa. E por falar em sonho, no sonho eu crio ou percebo? Ah?! Se você me perguntar o que eu faço quando sonho, se crio ou percebo, te direi o que ocorre nos atos imaginais e na percepção enquanto ato imaginal, onde perceber é criar, é parir pra dentro, onde o que está fora só entra se eu secretinar intencionalidade criativa. Se eu não estiver ovulando, não poderei conceber realidade alguma.

Nesses fragmentos está o segredo tântrico que Heráclito aprendeu da Hetera. Foi ela quem lhe ensinou. Ela que lhe ensinou o "gozo-não-gozo do não-possuir"; ela ensinou-lhe a "injacular". Disse-lhe:

É como parir para dentro; é a própria maiêutica. Você sempre tem tudo o que precisa. O clímax é sempre *a priori*. Num mundo rarefeito, tudo o que importa é interiorizar. Mas não interiorizar rumo à psiqué, a uma subjetivização. A psiqué não é o destino, é o passageiro. E o destino da carruagem de psiqué, afinal, não poderia ser outro que Eros.

As heteras são grandes especialistas. São as fundadoras da recém-descoberta escola he-térica de filosofia erótica, em intenso diálogo com as diretrizes da ontologia tântrica.

"Se o desejo precisar lançar-se para fora de si para realizar-se," – continuou a hetera de Heráclito, "já se terá traído." Um desejo assim vai atrás de comida com o prato ainda cheio. "É muito feio deixar comida no prato", dizem as heteras. Se o amante consegue concentrar-se no objeto de seu desejo com toda sua potência imaginal, a que os místicos chamam *himmah*, a "intenção essencializante", a presença do desejado instaura-se automaticamente. O amado vem em pessoa quando seu nome é pronunciado em *himmah*. Ao pensar no amado, o amante passa por um processo de intensificação imaginal: Do *status* de pensamento, passa-se ao de memória, do de memória, ao de imagem; o *status* de imagem vai então se intensificando, se densificando, e transforma-se então em presença. É o desejo "em pessoa". A passagem do estatuto de imagem interna para o de presença é realizada, segundo a filosofia de Ibn Arabi, através de *himmah*, ou seja, através da "concentração imaginal", da "intencionalidade do coração", do "poder intencional", do "ver com o coração", da "imaginação criadora". *Himmah* é o órgão capaz de captar a realidade forte, a que não é rarefeita, a "tectônica subcutânea". Se o rio que corre lá fora é tão diluído e sempre outro, já o sangue aqui de dentro é denso e tautológico – flui em círculos. *Himmah* é quem transforma o fluxo dissipado da *physis* em circulação.

O rarefeito não satisfaz. A realidade é rala. Como uma sopa, e não sustenta. A potência não é fraca, é potente. Mas não a potência dos possíveis, dos imaginários. Nada menos imaginal que o imaginário, o arbitrário, o puramente mental e hipotético. A potência do imaginal não é só possível, é também necessária. A potência do imaginal é necessária porque já é e sempre foi e não tem como não ser – dentro de um contexto anímico, fundando e constituindo realidade anímica.

Se a erótica imaginal é ascética, já o ascetismo imaginal é dionisiaco. Por isso é uma disciplina da ontologia tântrica bensusânica. Para a epistemologia erótica imaginal, segundo aponta o fragmento, a realidade é um exagero, um excesso. Ela não é necessária, é contingente, é prescindível. Também é *hybris* (no sentido grego que equivale ao sentido cristão de "pecado") o exagero da consumação sensória, o exagero do coito da conceituação, do desejo de ver nua e de possuir a coisa-em-si, da orgia intelectual e metafísica dos filósofos que põem garras nas coisas. O imaginal combate a pornografia e a literalidade (ou literalismo) da realidade fraca e aponta para o erotismo e a alusividade das realidades imaginais, onde as imagens invocam as presenças, como roupas transparentes, onde a *poiésis* é fazer puro. O dionisiaco aqui é conseguido com a ajuda de Apolo, da restrição, que leva à percepção do "prescindir". Afinal, como pode haver satisfação sem restrição, já diria Schopenhauer? Como conhecer o prazer, sem a necessidade? É a volúpia do asceta, o prazer erótico do faquir ao comer raízes, a luxúria da ceia após o jejum do Ramadan, o orgasmo do neófito em meditação, a que chamamos comportadamente de "experiência mística". Ninguém lambe mais os dedos ao se lambuzar de ser que o místico.

Erosophy: the daughter of a divine intercourse

Abstract – The present article is composed of two texts. The first is an introduction to the second, and the second exemplifies the first. The aim of the first is to introduce a way of philosophizing that is free, poetic, and ludic – in fact, a mixture of philosophy and literature – which I have named erosophy. Due to its hybrid character, the image here used is that of the genealogy of erosophy in the manner of the genealogy of the Greek gods. Hence, erosophy would be the daughter of literature, her mother, and philosophy, her father. By this metaphor, the first text goes on to describe the characteristics which this new discipline – erosophy, the daughter – has inherited from each of her parents, as well as the ones she has repudiated. Erosophy is the erotic love (*eros*) for knowledge (*sophia*), and not the amicable love (*philia*) of it. She yearns to experience sophia within the flesh of the soul, and is not after the conceptual appropriation of some intentional object. She is not content in attempting to discern between truth and falsehood, and in searching for the beautiful in detriment to the ugly. However, erosophy is not after madness; she only wants to be free. Her only commitment is to authenticity. Erosophy has no need for nexus, and prefers to speak through erotic images than by means of the pornography and necrophilia inherent to her father, inherent to purely rational analytical thought. She avoids her father's literalness and her mother's exemption. Her aim is to result in the capture of the Sublime, to which her mother only points and only hints at. Her wish is to result in the Beautiful, which her mother only reveals and shows from afar. Following this erosophical presentation of erosophy (i.e. a text which speaks of the erosophical method by use of erosophical language), we go on to an erosophical text proper: a doxa which analyses a new "Heraclitean" fragment, written and published by a team of anarchohistorians in the manner of Heraclitus. It states "Because it is so scant, reality is feeble [...]". The text aims to analyse the fragment by means of the concept of the imaginal, which was introduced in the West by Henry Corbin. It is a doxa that makes use of the erosophical language and approach, and is concerned with spiritual hermeneutics and the mystical awareness of reality. This awareness gives birth the other way around: as it signifies the world, the world is born within each of us. The reality of the imaginal realm is more intense, it is stronger. The intentional object which is interiorised through imaginal awareness is, to the mystics, much more real than objects which partake of public space and intersubjectivity, and which are held to be "objective". In the imaginal realm, it can be born time and again, and be born many times into distinct and ever stronger levels of reality, in accordance with the increasing ontological intensity it finds on its way within.

Keywords: Erosophy. Sufism. Imaginal. Mysticism. Philosophy and fiction.